

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

Liélia Barbosa Oliveira¹
Kátia Gerlânia Soares Batista²
Janaina Emília de Vasconcelos Leite da Costa³
Maria Josefa da Silva⁴

RESUMO

O presente trabalho é fruto de um estudo bibliográfico, e tem como objetivo, identificar as dificuldades de aprendizagem apresentadas no contexto escolar, tendo em vista a sala de aula como lugar de identificação dos primeiros sinais de dificuldades por meio da relação professor/aluno. O professor é o profissional mediador que irá trabalhar com alunos com dificuldades na sala de aula, espera-se que o mesmo promova inclusão e aprendizagem, fazendo uso de estratégias e conhecimentos especializados destinados ao tipo de dificuldades encontradas. A proposta de inclusão salienta que os sistemas educacionais passem a ser responsáveis por criar condições de promover uma educação de qualidade para todos e fazer adequações que atendam às necessidades de alunos com dificuldades de aprendizagem. Os resultados apresentados nesse estudo evidenciaram que há uma necessidade de acompanhamento por parte do sistema educacional especializado referente ao apoio de uma equipe multidisciplinar que favoreceria o trabalho pedagógico, além de capacitação constante para os docentes.

Palavras-chave: Contexto escolar. Dificuldades de aprendizagem. Professor.

INTRODUÇÃO

A educação Brasileira tem passado por vários desafios, merecendo destaque as dificuldades de aprendizagem que vêm cada vez mais sendo apresentadas e diagnosticadas entre alunos nas escolas, foi percebido a carência dos professores sobre a percepção dos mesmos terem conhecimentos e estratégias pedagógicas distintas que promova inclusão e bem estar dos alunos frente a cada tipo de dificuldade apresentada.

O presente estudo apresenta os seguintes objetivos: identificar os tipos de dificuldades de aprendizagem e as estratégias utilizadas no processo de inclusão de crianças com dificuldades de aprendizagem.

¹Graduada em História e Serviço Social, Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, lieliapb@hotmail.com;

²Graduada em Serviço social pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Mestre em Serviço Social pela UFPB, docente do Curso de Serviço Social das Faculdades Integradas de Patos-FIP, kattiangsb@hotmail.com;

³Graduada em Educação Física pelo Instituto Batista de Ensino Superior de Alagoas-IBESA, Especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, janaina_emilia@hotmail.com;

⁴Graduada em Serviço Social da Faculdade Santa Maria-FSM, Especialista em Saúde Mental e em Atendimento Educacional Especializado- AEE pela FATEC, ggerlandia@gmail.com.

Partindo desse pressuposto, é notório que é em sala de aula onde o professor assume seu papel primordial na relação professor/aluno como mediador dos conhecimentos, onde são percebidos e identificados os primeiros sinais de dificuldades de aprendizagem.

Sendo assim, Mazer, Bello & Bazon (2009), ressalta que quando se fala em dificuldades de aprendizagem varias definições vêm à tona, podendo assim, entender que dificuldades de aprendizagem estão inseridas em uma perspectiva orgânica que em alguns casos pode ser considerada como desordens neurológicas que no ambiente educacional essas dificuldades podem influenciar na recepção, integração ou expressão de informações, surgindo no aluno inúmeras dificuldades, vindo a consistir em manifestações na aquisição e uso da linguagem, fala, leitura, escrita, raciocínio, habilidades matemáticas e sociais.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC) foram avaliadas 49.791 escolas em 2014, a avaliação teve como objetivo identificar a alfabetização na idade certa, pacto estabelecido pelos governos federais, estaduais e municipais.

Nesse contexto, deve-se salientar a importância dos alunos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, ser diagnosticadas assim que apresentar sinais de dificuldades, para que, as mesmas tenham a oportunidade de serem ajudadas por profissionais e acompanhadas por tratamentos para seguirem na escola e nas séries em tempo certo.

Na medida em que a orientação inclusiva implica um ensino adaptado às diferenças e às necessidades individuais, os educadores precisam estar habilitados para atuar de forma competente junto aos alunos inseridos nos vários níveis de ensino.

A implantação da educação inclusiva tem encontrado limites e dificuldades, em virtude da falta de formação dos professores das classes regulares para atender às necessidades educacionais especiais, além da precariedade da infraestrutura e de condições materiais para o trabalho pedagógico junto a crianças com dificuldades de aprendizagem.

Portanto, o professor sozinho não consegue muito resultado na aprendizagem destes alunos, faz-se necessário o envolvimento e responsabilidade dos pais, da escola, de profissionais das salas de AEE, de uma equipe multidisciplinar, e principalmente do apoio e condições de trabalho oferecido pelo poder público.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva. Como fontes de pesquisa, utilizamos consultas em artigos científicos, monografias e dissertações que discutem a temática.

Conforme Fonseca (2002, p.32), a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.

De acordo com o método, o levantamento dos estudos foi feito em bases de dados eletrônicas, na biblioteca virtual Scientific Electronic Library Online (SciELO), na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

DESENVOLVIMENTO

No Brasil, atualmente, presenciamos muitos problemas na educação pública e privada, como o abandono escolar e a falta de motivação de muitos alunos que passam pela escola sem mesmo conseguirem se alfabetizar. Muitas são as queixas e angústias dos professores em relação à falta de concentração e motivação dos alunos, além da violência e indisciplina que cresce juntamente com os problemas de aprendizagem.

Diante desse quadro, que aponta a educação brasileira, nos deparamos com dados que sugerem o aumento do número de crianças que frequentam a escola e tem acesso ao ensino fundamental. Observamos também, um grande número de repetência, abandono e degradação da qualidade, evidenciando que o principal problema na educação não é quantitativo, e sim a qualidade do ensino oferecido.

Campos (2010) destaca que o ser humano esta constantemente em um processo gradativo de aprendizagem, sendo considerada como algo que vem a ser adquirida seja por influencias no meio ou por experiências diárias, passando assim, a ser submetida por mudanças de comportamentos.

As dificuldades de aprendizagem podem surgir na vida do aluno de várias maneiras, como: o baixo desempenho escolar, dificuldades na leitura, matemática, inabilidade social, intelectuais e motoras, sendo todas diagnosticadas de acordo com os manuais: Classificação Internacional de Doenças (CID-10) e pelo Manual de Diagnóstico e Estatística das Doenças Mentais (DSM- IV). O diagnostico é uma iniciativa essencial para evitar possíveis complicações e comprometimento do problema, para assim, da inicio ao tratamento do problema.

Assim sendo, atualmente cada vez mais crianças no contexto escolar vem apresentando dificuldades de aprendizagem e sendo diagnosticadas, destacando-se assim, as

mais comuns entre aquelas apresentadas nas escolas, tais como: Dislexia, Discalculia, Disortografia, Disgrafia, Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).

De acordo com Rodrigues e Ciasca (2016), citam que, a Dislexia Segundo o manual, o seu diagnóstico requer a identificação de pelo menos um dos seguintes sintomas:

1. Leitura de palavras é feita de forma imprecisa ou lenta, demandando muito esforço. A criança pode, por exemplo, ler palavras isoladas em voz alta, de forma incorreta (ou lenta e hesitante); frequentemente, tenta adivinhar as palavras e tem dificuldade para soletrá-las;
2. Dificuldade para compreender o sentido do que é lido. Pode realizar leitura com precisão, porém não compreende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que é lido;
3. Dificuldade na ortografia, sendo identificado, por exemplo, adição, omissão ou substituição de vogais e/ou consoantes;
4. Dificuldade com a expressão escrita, podendo ser identificados múltiplos erros de gramática ou pontuação nas frases; emprego ou organização inadequada de parágrafos; expressão escrita das ideias sem clareza.

Face a isso, observa-se que a dislexia provoca um desconforto na vida do aluno no momento de aprender, provocando inúmeras dificuldades que o impedem de realizar atividades ou de escrever de forma correta. Valendo assim, salientar a importância do professor ao se trabalhar com dinâmicas destinadas a esse tipo de aprendizagem, com intuito de não provocar frustração no aluno e sem sentimentos de incapaz.

Ainda corroborando com as ideias de Rodrigues e Ciasca (2016) a Dislexia ocupa um alto percentual de incidência nas escolas em todo Brasil, tornando-se conhecida por ser um transtorno de aprendizagem que aparece na vida do aluno dificultando o mesmo em realizar atividades que envolva leitura e escrita, os efeitos surgem como um tumulto na vida do indivíduo atrapalhando assim o reconhecimento de palavras, causando bloqueios na escrita. Acredita-se ainda que, há vários fatores para o surgimento da dislexia como fatores neurológicos, fonológico, genéticos ou pré-disposição.

Outro tipo de dificuldades de aprendizagem muito frequente é a disortografia que segundo Santos (2009):

É a dificuldade da linguagem escrita e também pode acontecer como consequência da dislexia. É um quadro, muitas vezes, descrito como característico da disgrafia. Esse transtorno da escrita apresenta-se como uma persistência de trocas de natureza ortográfica (como ch por x, ou s por z, e vice-versa), aglutinações (de repente/derepente, tem que/temque), fragmentações (embarçar); inversões (in/ni, es/se) e omissões (beijo/bejo), após a 2ª série do Ensino Fundamental ou equivalente. Estas alterações devem ser observadas com determinada frequência, e em vocabulário conhecido pelo aluno.

Nesse tipo de dificuldades de aprendizagem é aconselhável que os professores empreguem em sua prática ações, táticas, dinâmicas e metodologias praticando uso de

atitudes que promovam uma linguagem apropriada que propicie entendimento a dificuldade identificada.

De acordo com Franceschini, Anicito, Oliveira & Orlando (2015), diante as várias dificuldades de aprendizagem encontra-se a disgrafia que se refere a dificuldades na escrita, ou seja, se remete ao desenvolvimento motor no momento em que se escreve, tornando-se a escrita de palavras e letras diferenciada, vindo assim, a surgir a apresentação de um bagunça ou tumulto na descrita que a torna impossível o entendimento do que se escreve.

Segundo com Missawan e Rossetti 2014, o Transtorno de Deficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) a cada dia vem crescendo o numero de pessoas diagnosticadas, principalmente crianças na idade escolar, esse transtorno vem a ser uma dificuldade de aprendizagem muito freqüente que surge como um bloqueio, atrapalhando a aprendizagem do aluno, tornando-se uma criança desatenta e impulsiva, dificultando a concentração e a aprendizagem.

Assim sendo, Seno (2010), cita que o Transtorno de Deficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), pode-se ser classificado e apresentar dificuldades a partir de algumas características, tais como:

Tipo desatento - não enxerga detalhes, faz erros por falta de cuidado, apresenta dificuldade em manter a atenção, parece não ouvir, tem dificuldade em seguir instruções, desorganização, evita/não gosta de tarefas que exigem um esforço mental prolongado, distrai-se com facilidade, esquece atividades diárias; **Tipo hiperativo/impulsivo:** inquietação, mexer as mãos e os pés, remexer-se na cadeira, dificuldade em permanecer sentada, corre sem destino, sobe nos móveis ou muros, dificuldade em engajar-se numa atividade silenciosamente, fala excessivamente, responde perguntas antes delas serem formuladas, interrompem assuntos que estão sendo discutidos e se intrometem nas conversas;

Partindo desse pressuposto, percebe-se que os alunos com TDAH apresentam vários tipos de variações de comportamentos, surgindo também de dificuldades de aprendizagem que acaba afetando seu desenvolvimento na escola, se manifestando em implicações ao realizar tarefas impostas pelo professor, não conseguindo se concentrar com algo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A definição atual, aceita internacionalmente sobre as Dificuldades de Aprendizagem (DA), veio elaborada pelo National Joint Committee For Learning Disabilities (NJCLD, 1994), depois de muitas discussões devido à falta de consenso sobre as definições, mas que

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

encontrou uma resistência menor, depois de ser aprimorada algumas vezes, conforme citada por Smith (2012):

"Dificuldade de aprendizagem é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos manifestados por dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estes transtornos são intrínsecos ao indivíduo, supondo-se que são devido à disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital. Podem existir junto com as dificuldades de aprendizagem, problemas nas condutas de auto-regulação, percepção social e interação social, mas não constituem por si próprias, uma dificuldade de aprendizado. Ainda que as dificuldades de aprendizado possam ocorrer concomitantemente com outras condições incapacitantes como, por exemplo, transtornos emocionais graves ou com influências extrínsecas (tais como as diferenças culturais, instrução inapropriada ou insuficiente), não são o resultado dessas condições ou influências". (SMITH, 2012).

Dentro dessa perspectiva heterogênea, das diversidades de conceitos sobre as D.A, é que encontraremos um dos transtornos responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem: O TDAH e toda a sua complexidade.

O TDAH é, segundo Barkley (2008), o atual termo usado para denominar os significativos problemas apresentados por crianças quanto à atenção, à impulsividade e à hiperatividade.

Segundo Mattos (2007), o portador de TDAH é descrito como sendo pessoa inquieta, que muda de interesses e planos o tempo todo, tendo dificuldades em levar as coisas até o fim, pois detesta coisas monótonas e repetitivas. Além disso, algumas são impulsivas no seu dia a dia, tendem a ter problemas na sua vida escolar, bem como na vida profissional, social e familiar. Por esses, é que é de suma importância esclarecimentos e conhecimento sobre o tema, tanto para os profissionais da educação como outros profissionais de áreas afins, bem como para os pais dessas crianças e a comunidade em geral, pois com estudos e informações, melhor será a adaptação dessas crianças na sociedade.

É importante esclarecer, mais uma vez, que o TDAH não afeta partes do cérebro responsáveis pela inteligência. As crianças com TDAH são tão inteligentes quanto qualquer outra criança, porém as características do transtorno podem acarretar problemas na aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem são identificadas nas séries iniciais e na sala de aula a partir da relação professor/aluno e de um olhar amplo e diferenciado dos professores ao identificar alguma dificuldade em alunos ao realizar atividades ou por mudanças de comportamentos.

Desse modo, Costa (2012), enfatiza que o professor assume um papel importante e delicado na hora de promover aprendizagem às crianças que possuem dificuldades, deve

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

sempre priorizar o cuidado em repassar conteúdos metodológicos e na prática, observando como esta ocorrendo à transmissão de conhecimentos para evitar que o fracasso escolar se agrave e venha a prejudicar mais ainda, a má qualidade do ensino podendo desencadear o aluno a passar por frustrações e desanimações, perdendo a vontade de frequentar a escola.

Seguindo as ideias do autor, seria necessário que os professores envolvidos nesse processo não permaneçam quietos, buscando sucessivamente se atualizar e se enriquecer de conhecimentos para manejar e trabalhar em sala de aula.

Todavia, Leite (2012) diz que o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula faz-se necessário na interação entre professor-aluno em uma relação que venha a promover afetividades de ambos. Por meio da relação afetiva entre professor-aluno o mesmo sentirá e perceberá o desconforto do aluno ao aprender e ver que algo não o deixa bem. E ao se falar nos momentos ou encontro pedagógicos, o mediador ao optar ou escolher determinadas atividades ou estratégias para serem trabalhadas em sala de aulas com alunos com dificuldades de aprendizagem devem ser assertivo na hora de manejar e transmitir conhecimentos.

De acordo com Trevisol & Souza (2015), sendo o professor que ira promover aprendizagem e o intermediário ao repassar práticas e conteúdo com o intuito em objetivar aprendizagem o mesmo deve ter a consciência de sempre buscar se atualizar e se aperfeiçoar para assim manejar na sala de aula ou trabalhar com dificuldades e desafios que são constantes na educação brasileira.

Ainda de acordo com Costa (2012), merece salientar a função e o papel que a família exerce na vida das crianças, a mesma estando presente desde os primeiros anos de vida e atuando como intermediária na hora de influenciar, tornando-se assim, uma das responsáveis por seu desenvolvimento escolar. Assim, a família precisaria repensar comportamentos e influências que assume sobre as crianças com dificuldades de aprendizagem, facilitando assim, o processo a parti de mudanças que possam pensar em contribuições positivas, evitando mais dificuldades e complicações no âmbito escolar, podendo assim, ajudar a criança dando-lhe apoio necessário para superar dificuldades existentes, estabelecendo um contato ativo com a escola para que ambos promovam uma relação de benefícios e comunicações sobre o problema.

O Projeto de Lei nº 3.688/ 2000 trata da inserção dos profissionais de Psicologia e Assistente Social nas redes públicas de educação.

O Congresso Nacional, decreta:

Art. 1º As redes públicas de educação básica contarão com serviços de psicologia e de serviço social para atender às necessidades e prioridades definidas pelas políticas de educação, por meio de equipes multiprofissionais. **Art. 2º** Necessidades específicas de desenvolvimento por parte do educando serão atendidas pelas equipes multiprofissionais da escola e, quando necessário, em parceria com os profissionais do Sistema Único de Saúde – SUS. **Art. 3º** Os sistemas de ensino disporão de 1 (um) ano, a partir da data de publicação desta Lei, para tomar as providências necessárias ao cumprimento de suas disposições. **Art. 4º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. (BRASIL, Projeto de Lei nº3.688-E, de 2000.).

Esta passou a existir e ira funcionar como uma oportunidade de transformações para as escolas, permanecendo como meta aproximar os profissionais especializados das questões existentes na educação, trabalhando com a prática de ideais que vem a contribuir para o processo de ensino aprendizagem na escola, proporcionando também o direito de educação qualificada a todos que dela necessita, atuando como uma ponte que ira ligar a aproximação de pais, escolas e profissionais permitindo informações que venha a oferecer oportunidades para o êxito escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades relacionadas às dificuldades de aprendizagem e o próprio Transtorno do Déficit de Atenção e/ou Hiperatividade (TDAH) é um assunto discutido na atualidade, e é percebido com mais facilidade quando a criança inicia seus estudos no ambiente escolar.

É perceptível que para uma educação inclusiva de qualidade, faz-se necessário uma educação continuada dos profissionais, assim como também uma parceria firmada entre pais e escola, para que assim se tenha um processo de aprendizagem contínuo, e que atravesse o muro da instituição escolar.

Chama-se atenção para que as instituições educacionais estabeleçam condições no seu âmbito escolar, estimulando o potencial propício aos alunos, levando em conta as diversidades individuais, favorecendo a promoção de novas oportunidades de aprendizagens compatíveis com as habilidades dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Nesse sentido, a educação inclusiva deve oferecer formação básica ao docente, permitindo a ampliação de sua visão para além das dificuldades desta ou daquela deficiência; e contribuir no campo da formação para que as características específicas das diversas dificuldades de aprendizagem sejam levadas em consideração pelos processos de ensino.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARKLEY, R.A. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade TDAH: guia completo e autorizado para pais, professores e profissionais de saúde**. Tradução de Luís Sérgio Roizman. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL, Projeto de Lei Nº 3.688 de 2000. Congresso Federal. Brasília: 2000. Disponível em: < <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=20050>> . Acesso em: 13 mai. 2019.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza; **Psicologia da aprendizagem**. 38 ed. Petrópolis, Vozes, 2010.

COSTA, Nayara Ferreira da. **Dificuldades de aprendizagem: um estudo documental**. Maringa, EDITORA, 2012.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC,2002.

FRANCESCHINI, Belinda Talarico; ANICITO, Gabriela; OLIVEIRA, Sabrina David de; ORLANDO, Rosimere Maria. **Distúrbio da aprendizagem: disgrafia, dislexia e discalculia**. Educação Batatais, v.5, n.2, p. 95 – 188,2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6ª edição; 4reimpr; São Paulo, Atlas, 2011.

GOMES, Claudia; SOUZA, Vera Lucia Trevisan. **Educação, psicologia escolar e inclusão: aproximações necessárias**. Revista Psicopedagogia. Rev. Psicopedag. Vol. 28. No. 86. São Paulo, 2011.

LEITE, Sergio Antônio da Sila; **Afetividade nas praticas pedagógicas**. Dossiê “afetividade e cultura”. Temas. Psicol. Vol. 20 n. 2. Ribeirão Preto, Dez, 2012. Universidade Estadual de Campinas – SP, Brasil.

MATTOS, P. **No mundo da lua: perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescente e adulta**. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.

MAZER Sheila Maria; BELLO Alessandra. Cristina Dal; BAZON Marina. Rizenele; **dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados**. Psico. Educ. no 28. São Paulo. Jun, 2009.

MISSAWAN, Daniela DadaltoAmbrozine; ROSSETTI, Claudia Broetto; **Psicólogos e TDAH: possíveis caminhos para diagnóstico e tratamento**. Construção Psicopedagógica, Const. Psicopedag. Vol 22. No. 23. São Paulo, 2014.

PAULON, Simone Mainieri; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; PINHO, Gerson Smiech. **Documento subsidiário a política de inclusão.** Brasília: Ministério da Educação, secretaria de educação especial, 2005.

RODRIGUES, Sonia das dores; CIASCA, Sylvia Maria. **Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção.** Rev. Psicopedagogia. Vol. 33. nº. 100. São Paulo, 2016.
SANTOS, P & Duarte, S. (2009). **Dificuldades na linguagem escrita, estratégias de intervenção.** Revista Diversidades, n.º33, Ano 9.

SENO, Marília Piazzzi. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): o que os educadores sabem?** Rev. psicopedag. vol.27 no.84, São Paulo, 2010.

SILVA JulisseOkerSavi da; EICHLER Marcelo Leandro; **Obstáculos epistemológicos , dificuldades de aprendizagem e o ensino de química.** XXII Encontro Nacional de Ensino de Química (ENEQ) Florianópolis- SC, Brasil 25 e 28 de julho, 2016.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos.** Brasília – DF, 3 a 5 de novembro, 2013.

SMITH, C. & STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z. Um guia completo para pais e educadores.** Porto Alegre: Artmed, 2012.

TOZONI-REIS, Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa.** 2ª edição. Curitiba, IESDE, Brasil S.A. 2009.

TREVISOL, Maria Tereza Ceron; SOUZA, Dalla Vecchia. **A relação entre professor e aluno e a importância do afeto no processo de ensino aprendizagem.** Unoesc & Ciência-ACHS, Joaçaba, v.6, n.1, p. 35-42, Jan/Jun 2015.